



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

LUTAS E QUESTÕES DE GÊNERO: CONSTRUÇÕES HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAIS

Marcus Paulo Araujo, Raphaela Alvarenga

Resumo:

Este pôster tem como enfoque analisar as questões de gênero referentes às atividades de lutas. Foi realizada uma revisão da literatura de gênero e lutas, de modo que a linha de pensamento pauta-se em aspectos históricos e socioculturais com o objetivo de apontar as lutas como um grupo de atividades que contribui para a formação integral de um sujeito desprovido de preconceitos de gênero. Esperamos que a perspectiva de formação de indivíduos que por desejo próprio ou por identificação pessoal com determinada prática corporal de luta, usufruam de seus conhecimentos e se desenvolvam enquanto pessoas iguais dentro da sociedade.

Palavras-chave: Gênero, Lutas, Sociedade

Introdução:

O presente estudo tem sua origem nos debates e vivências proporcionados pela disciplina *Discutindo Gênero e sexualidade na escola*, coordenado pelo Professor Sérgio About no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. A partir dos conteúdos apreendidos, da nossa vivência em espaços de prática de lutas, resolvemos ampliar esses estudos desenvolvendo esta pesquisa. Nesta pretendemos discutir as questões de gênero e sexualidade e a prática de lutas com relação direta ao campo da Educação Física Escolar. Durante a elaboração do presente artigo concentramo-nos em definir os conceitos de gênero e lutas a partir de visões sociológicas e pedagógicas, de forma a corroborar com a perspectiva de acabar com o sexismo presente na prática de várias lutas. Além de questionar as opressões de gênero feitas na sociedade que são reproduzidas no espaço escolar.

A maioria das lutas tem origem oriental e tem princípios disciplinadores. No Brasil, o trabalho de diversas lutas focou-se em princípios tradicionais e com o passar do tempo sofreram o processo de ocidentalização, de modo a incorporar elementos de outras culturas até institucionalizarem-se como esporte (BREDA et al, 2010, p. 51). Ao analisarmos o contexto social de algumas lutas encontramos um modelo de sociedade que tinha a figura do homem como centro de tudo, de forma que a submissão da mulher era justificada por diversos argumentos. O mesmo pode ser destacado na história de algumas modalidades olímpicas, onde a prática feminina era proibida por lei, porém, tais proibições sempre foram burladas com estratégias ousadas e grande apelo social (SOUZA e MOURÃO, 2006).

Reflexões Histórico-Sócio-Culturais sobre Gênero e Lutas:

Vivemos em um ambiente que as habilidades motoras são construídas culturalmente, é lógico que os determinantes biológicos influenciam, mas não são o caráter principal de tal processo. Uns exemplos para tal reflexão são os primeiros brinquedos, na



sua maioria, que meninos e meninas ganham desde cedo. Os meninos ganham carrinhos e bolas e as meninas bonecas ou utensílios domésticos.

As habilidades ditas masculinas ou femininas vão sendo priorizadas, impostas a meninos e meninas ao longo dos seus primeiros anos de vida. Azevedo afirma que força, agressividade e velocidade são características heteronormativamente construídas como masculinas, assim como flexibilidade, cuidado e afetividade construídas como femininas. Dessa forma, desde novas as meninas aprendem que práticas esportivas fogem do seu padrão imposto socialmente, não podem ser praticadas por elas, pois "atrapalham" a sua imagem e desempenho de "reprodutora".

Assim, as lutas são consideradas exclusivas do masculino, pois no mundo das artes marciais é comum que o imaginário popular direcione-se a evidenciar o homem como elemento ativo e como parâmetro norteador de todas as práticas corporais. Notoriamente, ao observarmos o contexto sócio-histórico em que algumas artes marciais foram desenvolvidas, é completamente comum encontrar um modelo de sociedade patriarcal e de submissão do sexo feminino. Não seria estranho dizer, considerando a história, a cultura e o contexto social, que as artes marciais foram feitas exclusivamente para os homens, de forma a edificar a figura do "macho" como o superior e organizador da ordem social. Até porque diariamente os homens "precisam" reafirmar a sua masculinidade perante o meio social vigente, pois o bom reprodutor é aquele agil, forte e habilidoso.

A partir de um viés sociológico que considera o gênero como um "*construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relação de poder.*" (MEYER, 2003, apud. DORNELLES, 2009, p. 2), podemos discutir as relações de gênero dentro da organização das artes marciais. Entretanto, ao considerarmos o modelo social atual em que estamos imersos, o termo mais adequado a ser utilizado seria "lutas". Isto por que:

"A luta como uma atividade esportiva, é entendida como instituição evolutiva e como um importante componente do desenvolvimento humano. Através da sua variedade de métodos e estilos, elas têm sempre sido indicadas como uma excelente atividade física, visando entre outras, a formação integral do indivíduo." (MESQUITA e ALVES JR, ----).

De acordo com Alves Jr. (2001), em seu ensaio "O Judô na Universidade: Discutindo Questões de Gênero e Idade": "*Muitas delas [lutas] como no caso do judô, carregam na sua origem, na sua essência, uma perspectiva espiritual, uma busca pela perfeita harmonia do indivíduo não havendo separação entre corpo, mente, espírito e a natureza.*". Se por um lado encontramos um imaginário que evidencia a figura do homem como superior, por outro lado encontramos uma linha de pensamento dentro da própria organização das lutas que preconiza a busca pela harmonia. Nessa perspectiva, considerando as várias temáticas postas pela literatura na área de Gênero, Educação Física e Lutas, o movimento que deve ser encadeado é o de romper com essa divisão de sexos, onde um é exaltado e colocado, sem discussão, como "dominante" e o outro é "dominado". Além do que, não é somente o fato de uma mulher ou homem estarem praticando lutas e sim a sua imagem na sociedade, pois os homens estariam perdendo a sua dominação (BOURDIEU, 1999). Assim, não é a prática feminina de lutas que preocupa os homens e sim a possibilidade da inversão da hierarquização imposta pela heteronormatividade compulsória (LOURO, 2001) e sexista, que levaria a autoridade e independência das



mulheres. Pois a sua imagem não seria mas a de delicada e fraca, seria a imagem de uma "lutadora" não só pelas práticas físicas, mas pela a sua igualdade aos homens na sociedade. Corroborando com essa linha de pensamento, o estudo denominado: *“A Construção de Identidades e Papéis de Gênero na Infância: Articulando Temas para Pensar o Trabalho Pedagógico da Educação Física na Educação Infantil”*, aponta:

“Ter como meta uma política de igualdade social entre homens e mulheres é algo que precisa ser elaborado desde o nascimento e em todos os tempos e espaços da vida social, como uma opção político-educacional. Nessa perspectiva, faz sentido trabalhar um rompimento com a dimensão sexistas da Educação Física, que impede uma convivência mais solidária entre os meninos e as meninas, homens e mulheres.” (SAYÃO, 2009, p. 12).

Estudos apontam que a presença feminina dentro do espaço das lutas é encarada como uma afronta aos homens, isto porque o ambiente de academias, escolas e etc, onde ocorrem essas atividades, propiciam um espaço que incentiva uma gama de símbolos masculinos. (GASTALDO, 1995, apud. THOMAZINI, MORAES e ALMEIDA, 2008). Ao longo da história as mulheres vêm ganhando mais e mais espaço dentro da sociedade, a inserção em massa delas no mercado de trabalho modificou toda a dinâmica social onde o homem era a figura que tudo provia. Esse ganho de espaço também se deu no cenário das lutas, de forma que o desconforto gerado se deva à quebra dos símbolos masculinos gerando uma insustentação de determinados argumentos que outrora foram usados para barrar a iniciação das mulheres em atividades, originalmente voltadas, ao público masculino (THOMAZINI, MORAES e ALMEIDA, 2008).

Assim como qualquer criação humana, as lutas estão sujeitas às diversas ideologias sociais que surgem com o passar do tempo, bem como o entendimento de gênero e sexualidade. Entendendo a construção dos gêneros e sexualidades como um processo de *“[...] inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjuntos inesgotável de instâncias sociais e culturais.”* (LOURO, 2008). Podemos afirmar, com base na literatura que: dependendo de como o trabalho com as lutas for realizado, elas podem enfatizar o espírito crítico (QUEIROZ; GOMES e SANTOS, 2007), a aprendizagem e compreensão de outras culturas, o aprimoramento da moral e do senso de respeito e dever para com os outros e para com a sociedade.

Vários foram os empecilhos e argumentos colocados no âmbito social para não permitir a participação da mulher no espaço competitivo das modalidades de lutas, estes muitas vezes nem um pouco embasados. Dentre esses argumentos podemos ressaltar que havia a “preocupação” de preservar o corpo da mulher para a fertilidade e futura maternidade, argumentando que as atividades corporais poderiam comprometer essas funções biológicas (MOURÃO e SOUZA, 2006). Entretanto, a literatura referente à diversas modalidades aponta que muitas foram as estratégias para burlar as regras e correntes de pensamentos sexista e permitir a inserção da mulher no universo competitivo de todos os desportos, citando exemplos como o do judô (SOUZA e MOURÃO, 2006) e do futebol (GOELLNER, 2005). O *“[...] ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência.”* (FERREIRA, 2006, p. 37). A partir desse fragmento do estudo de



Heraldo Simões Ferreira, podemos estabelecer a relação de uma luta social de gênero, cujo objetivo era possibilitar ou pelo menos exprimir uma tentativa de igualar homens e mulheres dentro da sociedade com o fato de que a humanidade moldou-se a partir de diversos tipos de luta, seja de gênero, classe, etnia e etc.

Considerações Finais:

A partir da revisão de literatura e reflexões feitas no decorrer deste estudo, pretendemos contribuir academicamente com as questões referentes ao gênero e que se relacionam com os campos de Educação Física e com o conteúdo das Lutas, de forma a possibilitar o entendimento de que o enfoque pedagógico no trato com as lutas possibilitaria a quebra dos ideais sexistas que subestimam as mulheres e superestimam os homens. A luta enquanto instituição social e desportiva possibilita a formação integral do indivíduo, e dentro dessa formação anseia-se a formação de um sujeito desprovido de preconceitos e que possa reconhecer que não há diferenças a serem consideradas no universo das lutas no que se refere a homens e mulheres. O que se coloca é que haja indivíduos que por desejo próprio ou por identificação pessoal com determinada prática corporal de luta, usufruam de seus conhecimentos e se desenvolvam enquanto pessoas iguais dentro da sociedade.

Referências:

- ALVES JR., Edmundo de Drummund. *O Judô na Universidade: Discutindo Questões de Gênero e Idade*. 2001. Disponível em: <http://www.equiperuffoni.com.br>. Acessado em: 23/02/2010.
- ALVES JR, Edmundo de Drummund.; MESQUITA, Chuno Wanderlei. *Usando as Lutas na Educação Física Escolar*.
- AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro de. *Brinquedos e gênero na Educação Infantil: um estudo do tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro*. (Tese de Doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003.
- BOURDIE, Pierre. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BREDA et al. *Pedagogia do Esporte Aplicada às Lutas*. São Paulo: Phorte, 2010.
- DORNELLES, Priscila Gomes. *A Separação de Meninos e Meninas na Educação Física Escolar: Marcas de Gênero*. In: Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte e Congresso Internacional de Ciência do Esporte, XVI e III., 2009, Salvador, Bahia. *Anais*.
- FERREIRA, Heraldo Simões. *As Lutas na Educação Física Escolar*. Revista de Educação Física, n.135, p. 36 – 44, nov, 2006.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e Futebol no Brasil: Entre Sombras e Visibilidades*. 2005. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v19n2/v19n2a05.pdf>. Acessado em: 23/08/2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas*. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acessado em: 23/08/2010
- LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 174 p.
- QUEIROZ, Éllen Vilarino.; ARAUJO, Lucas Gomes.; SANTOS, Neilon Carlos. *Judô em suas Dimensões Intelectuais, Morais e Físicas: Um Componente Valioso para o Processo*



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

de Ensino-Aprendizagem na Educação Física Escolar. 2007. Disponível em: http://www.judominas.com.br/files/judo_artigo.pdf. Acessado em: 23/08/2010.

SAYÃO, Deborah Thomé. *A Construção de Identidades e Papéis de Gênero na Infância: Articulando Temas para Pensar o Trabalho Pedagógico da Educação Física na Educação Infantil*. In: Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte e Congresso Internacional de Ciência do Esporte, XVI e III., 2009, Salvador, Bahia. *Anais*.

SOUZA, Gabriela C.; MOURÃO, Ludmila. *Narrativas do Judô Feminino Brasileiro: Construção da Historiografia de 1979 a 1992*. 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Gabriela%20C%20de%20Souza.pdf>. Acessado em: 23/08/2010.

THOMAZINI, Samuel Oliveira.; MORAES, Cláudia Emília Aguiar.; ALMEIDA, Felipe Quintão. *Controle de Si, Dor e Representação Feminina entre Lutadores(as) de Mixed Martial Arts*. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/4992>. Acessado em: 23/08/2010.